

Convergências entre cinema, tecnologia, sociedade e educação: proposta educativa com os filmes *Metrópolis* (1927) e *Pobres Criaturas* (2023)¹

Patrícia GONÇALVES²
Maria Aparecida Fialho Fontanari MARTINEZ³
Sandro Lauri da Silva GALARÇA⁴
Universidade Regional de Blumenau, Furb, Blumenau, SC

RESUMO

O objetivo desse artigo é discutir a importância do uso do cinema em sala de aula, bem como suas contribuições para a construção de uma abordagem crítica a respeito dos impactos das tecnologias na sociedade. A partir do conceito de convergência proposto por Jenkins (2022), esse trabalho realiza uma análise comparativa entre os filmes *Metrópolis* (1927), de Fritz Lang, e *Pobres Criaturas* (2023), de Yorgos Lanthimos. Para análise fílmica, é utilizada a técnica elaborada por Penafria (2009), cuja finalidade é esclarecer e propor uma interpretação ao filme. Conclui-se que o cinema, quando integrado ao currículo escolar de maneira planejada, oferece um potencial significativo para enriquecer o processo educacional, promovendo um diálogo crítico sobre as complexas inter-relações entre tecnologia, sociedade e educação na era contemporânea.

PALAVRA-CHAVE: cinema; educação; convergência; tecnologias; análise fílmica.

INTRODUÇÃO

O cinema, caracterizado por sua natureza visual e narrativa, comumente conhecido como uma arte voltada para o entretenimento, desempenha um papel importante na sociedade contemporânea, transcendendo sua função original. Fantin (2007) destaca que o cinema tem mostrado aplicação como instrumento, objeto de conhecimento, meio de comunicação, meio de expressão de pensamentos e sentimentos, capaz de gerar aprendizado, reflexão crítica e análise cultural, em diferentes contextos.

Assim, a produção de sentidos provocada pelo cinema, despertar o interesse em diferentes níveis educacionais. A relação entre tecnologia e sociedade tem sido explorada

¹ Trabalho apresentado no GP Cinema, XIX Encontro dos Grupos de Pesquisas em Comunicação, evento componente do 47º Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação.

² Mestranda em Educação do Programa de Pós-Graduação em Educação (PPGE/Furb), integrante do grupo de pesquisa Edumídia: Comunicação e Educação Midiática (Furb/CNPq), e-mail: patgoncalves@furb.br

³ Mestranda em Educação do Programa de Pós-Graduação em Educação (PPGE/Furb), integrante do grupo de pesquisa Edumídia: Comunicação e Educação Midiática (Furb/CNPq), e-mail: mmartinez@furb.br

⁴ Doutor em Teoria Literária (UFSC) e mestre em Comunicação e Informação (UFRGS). Atua como professor colaborador do Programa de Pós-Graduação em Educação (PPGE/Furb) e dos cursos de Jornalismo e Publicidade da Furb. Líder do grupo de pesquisa: Núcleo de Estudos Afro-brasileiros e vice-líder do grupo de pesquisa: Edumídia: Comunicação e Educação Midiática (Furb/CNPq), e-mail: sgalarca@furb.br

significativamente em diversos filmes, sobretudo quando trata do avanço distópico das tecnologias e sua influência na sociedade. A partir da análise de filmes emblemáticos, como "Metrópolis" (1927), de Fritz Lang, e "Pobres Criaturas" (2023), de Yorgos Lanthimos, é possível identificar como o cinema aborda e problematiza questões fundamentais relacionadas à identidade, gênero, classe social, direitos humanos, ética e poder. As obras cinematográficas em análise, cada uma a seu modo, destacam como a tecnologia pode ser tanto opressora quanto libertadora, a partir da sua influência direta nas dinâmicas sociais, tanto em contexto individual, quanto coletivo. Elas também provocam uma reflexão sobre como a convergência entre humanidade e tecnologia precisam ser cuidadosamente gerenciadas e educacionalmente orientadas, de modo que valorizem tanto a inovação tecnológica quanto os direitos e valores humanos.

A análise comparativa de filmes vai além de sua superfície estética, buscando revelar camadas mais profundas de significado. Isso é alcançado por meio de uma abordagem que considera o filme como o resultado de uma série de relações e restrições que influenciaram sua produção e realização, incluindo seu contexto social, cultural, político, econômico, estético e tecnológico. Além disso, essa análise nos permite compreender como o realizador idealiza o cinema e como o cinema nos capacita a refletir e olhar o mundo sob novas perspectivas (Penafria, 2009).

Nesse sentido, esse artigo analisa a convergência entre cinema, tecnologia, sociedade e educação, a partir da narrativa cinematográfica como objeto sociocultural e recurso didático-pedagógico, capaz de estimular a imaginação, promover a compreensão das dinâmicas sociais, dos dilemas éticos, a fim de fomentar debates significativos sobre temas relevantes no mundo contemporâneo e inspirar reflexões inovadoras e interdisciplinares.

CONVERGÊNCIA E NOVAS TECNOLOGIAS NA SALA DE AULA

O conceito de convergência, num cenário contemporâneo, vem sendo trabalhado por Jenkins (2022), desde o início do século XXI, a partir de uma discussão que envolve a relação da sociedade com a mídia e com a tecnologia. Apesar do apelo em relação à tecnologia ser o que mais encanta os teóricos anteriores a ele, a ênfase colocada por Jenkins não está nos aparelhos, mas no cérebro dos consumidores individuais e em suas interações sociais com outros indivíduos. Segundo o autor, cada um de nós constrói o que ele chama de sua própria mitologia pessoal, montada a partir de fragmentos de

informações que circulam no fluxo midiático e que se transformam em recursos, por meio dos quais compreendemos nossa vida cotidiana (Jenkins, 2022).

Outro paradigma desconstruído por Jenkins em *Cultura da Convergência*, diz respeito a uma retórica segundo a qual a revolução digital continha uma suposição implícita: a de que os novos meios de comunicação colocariam um ponto final nos antigos e que a internet substituiria os meios tradicionais de radiodifusão e imprensa. A possibilidade de os consumidores acessarem mais facilmente tudo que os interessasse foi largamente difundida por um grupo de teóricos no final do milênio passado e a sobreposição das mídias seria uma etapa natural na linha do tempo das tecnologias humanas.

Para refutar essa ideia, Jenkins usa como exemplo o livro *A Vida Digital*, de Nicholas Negroponte, que apresentava um contraste entre as mídias tradicionais, classificadas por este último como “os velhos meios de comunicação passivos”, e a nova mídia, identificada como “os novos meios interativos”. Jenkins argumenta que nem os chamados meios tradicionais de comunicação no estilo *broadcasting* (sistema de transmissão em massa) são totalmente passivos, nem existe uma suposta interatividade plena nos meios digitais que surgem a partir da revolução da internet.

Nesse contexto, Jenkins questiona a expectativa de que a produção de conteúdo de nicho (*narrowcasting*) engoliria o sistema de distribuição convencional representado pela TV aberta, por exemplo. Sobre isso, ele lembra do estouro da bolha “ponto com” no início dos anos 2000⁵, o que “jogou água fria nessa conversa sobre revolução digital”. (Jenkins, 2022, p. 33). A convergência, termo largamente utilizado pelo autor para marcar um ponto de inflexão entre a mídia, a tecnologia e os consumidores de informação, ressurge como um marco teórico importante nas discussões sobre o tema.

Segundo o autor, à medida que empresas antigas e novas se esforçam para vislumbrar o futuro da indústria do entretenimento, o antigo paradigma da revolução digital, que pressupunha que as novas mídias substituiriam as antigas, vem sendo substituído pelo emergente paradigma da convergência. Este último presume que as mídias antigas e novas irão interagir de maneiras cada vez mais complexas e que, numa

⁵ A bolha das empresas ponto com ou bolha da internet foi uma consequência da ação especulativa que ocorreu aproximadamente de 1994 até 2000, caracterizada por uma forte alta das ações das novas empresas de tecnologia da informação e comunicação (TIC) baseadas na Internet.

sociedade cada vez mais midiaticizada, seus reflexos poderão ser sentidos de maneira contundente em outras áreas, como a educação.

No que diz respeito à educação, as novas tecnologias adentram na sala de aula sob o aspecto das Tecnologias Digitais de Informação e Comunicação (TDIC). Valente (2014) lembra que essas duas áreas do conhecimento estão em constante evolução e atualização, adaptando-se às oportunidades proporcionadas pelas mais diversas inovações tecnológicas. Portanto, as crises não afetam os campos educacionais ou comunicacionais. Não se trata de uma crise na educação ou na comunicação. Pelo contrário, ambas estão vivenciando um período de grande atividade e desenvolvimento, o que sempre gera possibilidades de novas convergências.

Para Baccega (2009), a escola não pode mais ficar alheia ao contexto de socialização das novas tecnologias vivido pela sociedade. Segundo ela, as novas formas de relacionamento e de interação mediadas pelas novas tecnologias e pelos meios de comunicação alteraram a maneira como os atores escolares interagem. Segundo a autora, é por meio das novas tecnologias que os alunos entram em contato com o mundo, para além das formas tradicionais de socialização. Diz Baccega:

As tradicionais agências de socialização – escola e família – vêm se confrontando, nos últimos tempos, com os meios de comunicação, que se constituem em outra agência de socialização. Há entre elas um embate permanente pela hegemonia na formação dos valores dos sujeitos, buscando destacar-se na configuração dos sentidos sociais. Essa disputa constitui o campo comunicação/educação (educomunicação), que propõe, justifica e procura pistas para o diálogo entre as agências (Baccega, 2009, p. 19).

A autora amplia essa visão, quando reflete sobre os principais desafios enfrentados pela absorção das tecnologias no contexto escolar. Para ela, a maior dificuldade se trata de abordar a complexidade da construção do campo comunicação/educação como um novo domínio teórico capaz de sustentar práticas para formar indivíduos conscientes. Para alcançar esse objetivo, é essencial reconhecer os meios de comunicação como um espaço adicional de conhecimento, colaborando com a escola e outras instituições de socialização. Superar essa barreira é um desafio crucial (Baccega, 2009).

Ela questiona, inclusive, a visão simplista que fragmenta as potencialidades de uma educação para as mídias. Segundo ela, o aparato tecnológico está à disposição de todas as escolas, assim como está plenamente internalizado no corpo social, nas famílias e nas demais esferas sociais. A observação mais criteriosa deveria recair sobre como se

dá a circulação de informações em relação à mudança dos conceitos de tempo/espaço, à modificação na produção e sua influência sobre o consumo e sobre o mercado de trabalho (Baccega, 2009).

CINEMA E EDUCAÇÃO

O cinema, consolidado como arte e entretenimento, ocupa também outros espaços significativos na nossa sociedade. Conforme destaca Duarte (2002), para a formação cultural e educacional, o cinema é tão importante quanto as obras literárias, filosóficas, sociológicas e outras fontes de conhecimento.

Fantin (2007) argumenta que a atividade de contar histórias por meio da experiência estética possui um importante papel na construção de significados e pode atuar tanto no âmbito da consciência do sujeito, como no âmbito sociopolítico-cultural, configurando-se num excelente instrumento de intervenção, de pesquisa, de comunicação, de educação e de fruição.

Duarte (2002) admite que a transmissão/produção de saberes e conhecimentos não deve ser prerrogativa exclusiva da escola, pois o cinema, ao possibilitar a interação dos atores sociais com experiências culturais diversas, permite a construção de saberes, identidades, crenças e visões de mundo diferentes, além de explorar questões existenciais, sociais e filosóficas. Pois ao analisar filmes e refletir sobre suas mensagens e simbolismos, é possível desenvolver uma compreensão mais profunda do mundo e das complexidades da experiência humana. Assim como destaca Almeida (2017), existem várias maneiras de relacionar o cinema com a educação, desde perspectivas mais conservadoras, que consideram o cinema como uma ferramenta didática com potencial uso em sala de aula, até abordagens mais amplas, que reconhecem o cinema como um produtor de significados.

Nesse mesmo contexto, Bona (2021) afirma que o cinema, como recurso midiático, tem o poder de apresentar maneiras diferentes de comunicar, informar e discutir temas importantes e atingir pessoas em todo o mundo. A partir do momento em que o professor se apropria desse recurso e utiliza-o para ilustrar e discutir o conteúdo de suas aulas, torna-o uma importante ferramenta educativa.

No entanto, para que a utilização do recurso cinematográfico se transforme em uma atividade pedagógica eficaz, é essencial dispor de instrumentos e critérios para planejar, avaliar, criticar e reconhecer os elementos de reflexão e suas implicações no

contexto de vida e sociedade atuais. Além disso, o professor deve elaborar as etapas necessárias do processo educativo, incluindo assistir ao filme antes de exibi-lo aos estudantes; reunir informações sobre o filme e outros do mesmo gênero; elaborar um roteiro de discussão destacando os elementos de interesse e possibilitar que os estudantes considerem que uma mesma situação pode ser vista e compreendida de formas profundamente diferentes (Duarte, 2002).

Em complemento, Almeida (2017) apresenta sete fundamentos educativos do cinema, sob diferentes aspectos que contribuem para a compreensão e análise da relação entre cinema e educação. Esses fundamentos incluem a dimensão cognitiva, que destaca a participação ativa do espectador na construção da narrativa fílmica; o viés filosófico, que explora questões existenciais e reflexões sobre a condição humana; o enfoque estético, que analisa os elementos visuais e sonoros dos filmes; a investigação dos mitos e arquétipos presentes nas narrativas cinematográficas; a abordagem existencial, que promove reflexões sobre a busca por significado e identidade; a perspectiva antropológica, que explora as representações culturais e sociais no cinema; e a dimensão poética, que transcende a mera representação realística, estimulando a imaginação e a criatividade dos espectadores. Esses sete fundamentos se complementam, contribuindo para a compreensão dos diversos modos de produção e interpretação das imagens cinematográficas, bem como seu potencial de aplicação no contexto educativo.

Dessa forma, é possível compreender que as interfaces entre cinema e educação se revelam como oportunidade para enriquecer o processo de ensino-aprendizagem, estimulando a criatividade, a reflexão crítica e a integração de diferentes aspectos, perspectivas e saberes.

PROCEDIMENTOS E MÉTODOS

Nesse estudo de natureza qualitativa, a proposta é sugerir uma sequência didática para aplicação em sala de aula, com estudantes de ensino superior, devido à classificação indicativa dos filmes escolhidos. Para os procedimentos de análise documental dos filmes *Metrópolis* (1927), de Fritz Lang, e *Pobres Criaturas* (2023), de Yorgos Lanthimos, a técnica a ser utilizada é a da análise fílmica, de Penafria (2009).

O uso do cinema para fins educacionais tem sido praticado desde os seus primórdios, confundindo-se inclusive com o aparecimento dessa arte, no ano de 1895. Ou seja, há mais de um século, o cinema colabora no campo educacional, mesmo que não

diretamente com essa finalidade, mas sempre emprestando sua arte para esse fim. Nesse sentido, Penafria (2009, p. 4) afirma que “Lembramos, por exemplo, os escritos de Ricciotto Canudo (1877-1923) que foi quem primeiro designou o cinema como a sétima arte, uma arte que surgia como a síntese das artes do espaço e das artes do ritmo”, fortalecendo, dessa forma, a sua ligação com a educação.

No que diz respeito à análise fílmica, Penafria, apresenta a seguinte ponderação:

Aparentemente, a análise de filmes está presente em vários discursos sobre os filmes, sejam eles de caráter mais publicitário, um mero comentário, um discurso monográfico ou mesmo um estudo acadêmico. À partida, um qualquer discurso sobre um determinado filme fará algum tipo de análise. E o discurso mais visível é o da crítica de cinema, diariamente publicada em jornais e revistas. (Penafria, 2009, p. 1)

Embora seja mais popularmente utilizada a análise fílmica por parte da crítica do cinema, essa técnica também tem sido utilizada como recurso educacional, a partir da decomposição de uma cena, da análise puramente textual, até mesmo da parte sonográfica do filme e o que se deseja obter de informações a respeito dele.

Penafria (2009) apresenta cinco indicações de modelos a serem auxiliares na análise de filmes, como podemos ver na ilustração a seguir:

Figura 1 – Modelos para análise fílmica

ANÁLISE DE FILMES: CINCO MODELOS AUXILIARES	
1. INFORMAÇÕES	<ul style="list-style-type: none"> ▪ Título em português ▪ Título original ▪ Ano ▪ País ▪ Gênero ▪ Duração ▪ Ficha técnica ▪ Sinopse ▪ Tema do filme
2. DINÂMICA DA NARRATIVA	
3. PONTOS DE VISTAS	
4. CENA PRINCIPAL DO FILME	
5. CONCLUSÕES	

Fonte: Adaptação dos autores, a partir de Penafria (2009)

Para a autora, essa análise é fundamental e urgente para que se tenha um amplo entendimento não somente da obra cinematográfica, mas como se faz um filme. Para ela,

nunca isso se fez tão necessário, principalmente frente ao *boom* tecnológico que estamos vivendo em relação à possibilidade de se produzirem obras audiovisuais mediante aos recursos tecnológicos disponíveis. Isso também se aplica no que diz respeito à capacidade de captação e edição por meio de dispositivos móveis como *smartphones*.

PROPOSTA DE SEQUÊNCIA DIDÁTICA

Para embasar a proposta educativa, é essencial que o professor analise a classificação indicativa e justifique cuidadosamente a escolha do filme, levando em consideração o nível de ensino, seja infantil, fundamental, médio ou superior, uma vez que há uma vasta seleção de filmes disponíveis, recomendados de acordo com a faixa de idade dos estudantes e os objetivos pedagógicos.

Após realizada a cuidadosa seleção, é importante que o professor assista à produção escolhida em sua íntegra, para fazer uso somente de alguns fragmentos, principalmente por se tratar de uma proposta pedagógica. Isso é de fundamental importância para que o projeto tenha êxito, assim como o entendimento de linguagens técnicas para que a análise fílmica possa se aproximar o mais possível do cenário social representado no filme.

Considera-se uma sequência didática na visão proposta por Cosson (2012). Segundo o autor, a sequência básica de letramento literário é constituída por quatro passos: motivação, introdução, leitura e interpretação.

Para a realização de análises, a proposta de passos metodológicos da sequência didática se desdobraria de acordo com a sistematização da figura a seguir:

Figura 2 – Proposta de Sequência Didática

SEQUÊNCIA DIDÁTICA

1. Indicação aos alunos que assistam ao filme fora do horário escolar.
2. Exibição em sala de aula de trechos previamente selecionados do filme *Metrópolis*.
3. Exibição em sala de aula de trechos previamente selecionados do filme *Pobres Criaturas*.
4. Mesa redonda com os alunos dialogando a respeito de suas percepções dos filmes.
5. Divisão dos grupos.
6. Decomposição de partes dos filmes.
7. Socialização das análises dos trechos escolhidos por cada grupo.



Fonte: Adaptação dos autores

Considera-se relevante que a turma seja dividida em grupos e, cada um deles, analise trechos de cada um dos filmes. Serve também para avaliar a percepção de cada grupo no momento de decompor as obras, mesmo que a referência seja somente de trechos deles. Dessa forma, todos os alunos irão se envolver nessa atividade como protagonistas e não somente como espectadores. Ao mesmo tempo em que irão realizar a decomposição das imagens, terão entendimento de porque elas foram produzidas dessa forma, que tipo de mensagens pretendem transmitir aos espectadores, tornando-se dessa forma um trabalho importante, não somente do ponto de vista educacional, mas também na formação de cidadãos que estão sendo valorizados no seu processo de aprendizagem.

Para além da análise fílmica, há que se considerar que ambos os filmes podem ser tratados de forma interdisciplinar, podendo essa proposta ser adaptada de acordo com os componentes curriculares, sempre respeitando a intencionalidade pedagógica da proposta.

ANÁLISE FÍLMICA: METRÓPOLIS (1927) E POBRES CRIATURAS (2023)

Metrópolis é um filme mudo de ficção científica, dirigido por Fritz Lang e lançado em 1927. A história se desenrola em uma cidade futurista na qual existem duas classes sociais: os ricos que vivem na superfície e se aproveitam das comodidades luxuosas; e os trabalhadores operários, que vivem nas profundezas da cidade, trabalhando em condições deploráveis. O filho do governante da cidade, Freder, se apaixona por Maria, uma ativista dos operários, e descobre a terrível exploração e desigualdade que permeiam a sociedade.

O governante da cidade fica preocupado com a crescente insatisfação dos funcionários e decide fazer um robô com a aparência de Maria, para semear a divisão e manter seu controle sobre a população. Temas como desigualdade social, exploração do trabalho e a busca de redenção e reconciliação entre as classes sociais são abordados na narrativa. A visão distópica, por meio de uma arrojada direção de arte, é considerada um marco do cinema expressionista alemão e uma obra-prima do cinema mundial (Santos, 2016).

Pobres Criaturas (2023) é baseado no livro homônimo de Alasdair Gray, com a direção do cineasta grego Yorgos Lanthimos, a história começa com o suicídio da grávida Bella, interpretada por Emma Stone, que salta de uma ponte para escapar de um casamento abusivo. Dr. Baxter (Willem Dafoe), um cientista excêntrico, traz Bella de volta à vida colocando o cérebro de seu filho não nascido, o que lhe confere uma inocência infantil, curiosa e peculiar, que se mistura com momentos de inteligência e perspicácia adulta. O cenário da história se desenrola na era vitoriana, com a mistura de características futuristas e retrô, com alguns elementos surreais, bizarros e absurdos.

Na companhia de um advogado de caráter duvidoso, Sr. Duncan Wedderburn (Mark Ruffalo), Bella embarca em uma jornada para explorar o mundo. Na descoberta do “eu” e construção da sua identidade, ela frequentemente questiona as normas sociais, a moralidade das pessoas ao seu redor, busca a igualdade, empoderamento, libertação e enfrenta os desafios de ser vista como um objeto ou uma criatura de laboratório. De acordo com a premissa rousseuniana⁶, que diz que os humanos são naturalmente bons, esse pensamento levanta a questão importante de como o mundo ao nosso redor pode corromper essa natureza original. Ao nos apresentar um mundo no qual os personagens

⁶ Referência ao pensamento de Jean Jacques Rousseau, filósofo iluminista precursor do romantismo no século XIX que, apesar de ser iluminista, era um crítico ao movimento. Pensava que a sociedade havia pervertido o homem natural que vivia harmoniosamente com a natureza, livre de egoísmo, cobiça, possessividade e ciúme.

são submetidos a leis e regras absurdas, nos faz pensar sobre quais convenções sociais também seguimos sem questionar (Pinheiro, 2024).

Ambas as obras cinematográficas fazem referência à obra icônica e clássica de Frankenstein⁷, e utilizam a tecnologia não apenas como pano de fundo, mas como um catalisador para discutir estruturas sociais, direitos, questões éticas, opressões e desigualdades, refletindo sobre como a tecnologia pode influenciar nossa forma de perceber o mundo, as relações sociais e os valores humanos.

O filme *Metrópolis*, com sua representação futurística de uma sociedade dividida entre a elite opulenta e os trabalhadores oprimidos, antecipa em 1927 as discussões sobre a tecnologia como uma ferramenta que gera desigualdade social, mas que também tem o potencial de unificação e convergência, o que corrobora com os apontamentos de Jenkins (2022). A criação do robô com a aparência da ativista Maria simboliza o ápice da manipulação tecnológica, com o uso da tecnologia para controlar e iludir, uma temática que ressoa profundamente em discussões contemporâneas, como por exemplo a ética no uso da inteligência artificial na educação e a automação como potencial substituição do trabalho humano.

Em contrapartida, *Pobres Criaturas* explora a tecnologia, por meio da reanimação de Bella, com uma abordagem que desafia as concepções sociais de moralidade, vida e morte. Nesta obra fílmica, o uso da tecnologia ultrapassa os limites da ciência médica e adentra nas questões da criação de identidade e consciência humana, levantando assuntos sobre direito, autonomia e aceitação. A obra de Lanthimos, utiliza a tecnologia não apenas como tema, mas como um meio de explorar a construção da identidade em um contexto socialmente repressivo, no qual a educação e o desenvolvimento individual são constantemente adaptados e limitados por pressões externas.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Esse estudo explora a importância do cinema como uma ferramenta educacional para analisar criticamente a interseção entre tecnologia, sociedade e educação. A análise comparativa dos filmes "*Metrópolis*" (1927) e "*Pobres Criaturas*" (2023) demonstra pontos fundamentais sobre os impactos das tecnologias na construção da identidade individual e coletiva, bem como nas dinâmicas sociais e educacionais.

⁷ Referência à obra icônica e clássica de ficção científica, da escritora Mary Shelley (1818).

As obras cinematográficas analisadas abordam a tecnologia como um elemento central de suas narrativas, destacando questões como desigualdade social, controle tecnológico, ética na intervenção tecnológica e convergência entre diferentes aspectos da vida contemporânea. "Metrópolis" antecipa discussões sobre a influência da tecnologia na estrutura social, enquanto "Pobres Criaturas" desafia concepções sobre identidade e ética diante da intervenção tecnológica na vida humana.

A proposta metodológica apresentada sugere uma abordagem interdisciplinar e participativa para explorar os filmes em sala de aula. A proposta de sequência didática envolve a divisão da turma em grupos, a análise de trechos selecionados, a utilização da técnica de análise fílmica de Penafria (2009) e a promoção da participação ativa dos alunos como protagonistas no processo ensino-aprendizagem.

Como destaca Duarte (2002), a experiência de assistir a filmes é tão essencial para a formação cultural, social e educativa, quanto a leitura de obras literárias e outras fontes de conhecimento. Portanto, é importante ressaltar a relevância do cinema como ferramenta didático-pedagógica para promover a conscientização, a reflexão crítica e o diálogo sobre as complexas relações entre tecnologia, sociedade e educação. Ao integrar esses temas de forma interdisciplinar, é possível compreender as dinâmicas contemporâneas, os desafios éticos e morais que permeiam a sociedade da convergência, cada vez mais tecnológica e interconectada.

REFERÊNCIAS

ALMEIDA, Rogério de. CINEMA E EDUCAÇÃO: FUNDAMENTOS E PERSPECTIVAS. **Educação em Revista (UFMG)**, Belo Horizonte, v. 33, p. 1-27, e153836, 2017. Disponível em: <http://educa.fcc.org.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0102-46982017000100157&lng=pt&nrm=iso>. Acesso em: 19 abril 2024.

BACCEGA, Maria Aparecida. **Comunicação/educação e a construção de nova variável histórica**. Comunicação & Educação, n. 3, p. 19-28, set.-dez. 2009.

BONA, Rafael José. **Comunicação e educação: intertextos, reflexões e propostas**. Curitiba: Appris, 2021.

COSSON, R. **Letramento Literário: teoria e prática**. 2.ed. São Paulo: Contexto, 2012.

DUARTE, Rosália. **Cinema & Educação**. Belo Horizonte: Autêntica, 2002.

FANTIN, Mônica. MÍDIA-EDUCAÇÃO E CINEMA NA ESCOLA. **Revista Teias, [S. l.]**, v. 8, n. 15-16, p. 13, 2007. Disponível em: <https://www.e-publicacoes.uerj.br/revistateias/article/view/24008>. Acesso em: 19 abril 2024.

JENKINS, Henry. **Cultura da convergência**. 3ª ed. São Paulo: Aleph, 2022.

PENAFRIA, Manuela. **Análise de filmes – conceitos e metodologias**. VI Congresso SOPCOM, abril de 2009.

PINHEIRO, Gabriel. **Crítica | Pobres Criaturas (2023), Yorgos Lanthimos**. 2024. Disponível em: <https://www.rua.ufscar.br/critica-pobres-criaturas-2023-yorgos-lanthimos/>. Acesso em 14 de abril de 2024.

SANTOS, Jaqueline Oliveira dos. Cinema e o Ensino de História - Metropolis, Fritz Lang, 1927. In: **LABEDUC/LABCH**, São Paulo, maio de 2016, p. 1-7. Disponível em: http://www.labeduc.fe.usp.br/wp-content/uploads/Metropolis_Texto-Completo.pdf. Acesso em: 14 de abril de 2024.

VALENTE, J. A. Blended learning e as mudanças no ensino superior: a proposta da sala invertida. **Educar em Revista**, Curitiba, Brasil, Edição Especial n. 4/2014, p. 79-97. Editora UFPR 85. Disponível em: www.scielo.br/j/er/a/GLd4P7sVN8McLBcbdQVyZyG/?format=pdf&lang=pt. Acesso em: 07 de junho de 2024.